

## A tradução dos aspectos da cultura chinesa para o leitor brasileiro: as inspirações do *Zhongyong*

Tao Zheng<sup>1</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

**Resumo:** Este trabalho objetiva discutir a tradução de aspectos da cultura chinesa ao leitor brasileiro com base nas reflexões sobre a exotização e a domesticação. Para tanto, a partir da definição dos conceitos da cultura e de aspectos culturais, demonstramos que a dicotomia entre essas duas estratégias não contribuiria para a resolução da questão levantada. Em seguida, construiremos um percurso introdutivo sobre a teoria *Zhongyong* e apresentaremos um modelo teórico da tradução que se inspira nessa filosofia confuciana. Por fim, com a exemplificação de tal modelo na tradução de uma crônica chinesa, mostramos que, para lidar com os aspectos culturais na tradução entre o chinês o português, é possível o tradutor recorrer a um caminho do meio que harmoniza o uso de ambas a exotização e a domesticação.

**Palavras-chave:** Exotização e Domesticação; Aspectos Culturais; Teoria *Zhongyong*.

**Title:** How to translate aspects of Chinese culture for the Brazilian reader: the inspirations from *Zhongyong*

**Abstract:** This paper aims to discuss the translation of aspects of Chinese culture to the Brazilian reader, based on reflections about foreignization and domestication. Therefore, starting from definitions of culture and cultural aspects, we will demonstrate that the dichotomy between these two strategies would not contribute to resolve the mentioned question. Then, we will make an introduction about *Zhongyong* theory and present a theoretical translation model which is inspired by this Confucian philosophy. Finally, with the illustration of such model in the translation of a Chinese essay, we show that, in order to deal with the cultural aspects in the translation between Chinese and Portuguese, it is possible for the translator to take a middle way that harmonizes the use of both foreignization and domestication.

**Keywords:** Foreignization and Domestication; Cultural Aspects; *Zhongyong* Theory.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras pela Universidade de São Paulo. Tradutor *freelancer* de português e chinês. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4180-2424>. E-mail: [tempoat@163.com](mailto:tempoat@163.com).

## Considerações introdutórias

Ao longo de quarenta e sete anos de cooperação e interação desde o estabelecimento das relações diplomáticas em 1974, Brasil e China têm conseguido vários resultados positivos em muitas frentes, especialmente na economia e na política. Embora, levando em consideração a riqueza cultural e histórica representada por esses dois países, ainda se manifeste certa lacuna em termos de intercâmbio cultural, o leitor brasileiro, hoje, já tem acesso a uma coleção de obras chinesas, seja da literatura clássica, como a *Arte da Guerra* (várias edições) e o *I-Ching* (várias edições), seja da contemporânea, como *As Rãs* (Mo Yan, 2015), *Viver* (Yu Hua, 2008), *O Garoto do Riquixá* (Lao She, 2017) (ZHENG, 2019, p.12). Ao mesmo tempo, o mercado editorial da China confere espaço a obras de escritores brasileiros como, por exemplo, as de Jorge Amado, Clarice Lispector e Paulo Coelho.

O crescimento das traduções entre o português e o chinês põe no palco a questão de como se deve lidar, no processo de transcodificação de textos, com os aspectos da cultura chinesa que, muitas vezes, não encontram correspondências no sistema receptor. Tal desafio exige do tradutor uma profunda reconsideração dos laços entre a linguagem e a cultura e uma teorização meticulosa sobre as ferramentas e as abordagens tradutórias a adotar na prática.

No âmbito de Estudos da Tradução, a dicotomia mais clássica e discutida é, com certeza, a distinção entre a estratégia de domesticação e a de exotização, originadas nas reflexões do filósofo alemão Friedrich Schleiermacher. A primeira procura adaptar, de acordo com as convenções e expectativas da língua de chegada (LC), os traços “estranhos” e “inconsonantes” do texto de partida (TP), proporcionando ao público-alvo mais facilidade e conforto na compreensão do texto de chegada (TC), enquanto a última tende a quebrar as restrições e exigências da LC e preservar, no texto traduzido, as particularidades linguísticas e culturais do sistema emissor. Assim sendo, não há outro caminho para o tradutor?

A teoria *Zhongyong*, que advoga o “caminho do meio” na resolução dos problemas, foi proposta inicialmente por Confúcio há mais de dois mil anos. Essa ideia desempenha um papel importante no domínio do pensamento clássico da China e é considerada a doutrina suprema para orientar todos os atos humanos (YAN, 2007, p.29).

O presente trabalho, ancorado nas discussões entre as estratégias tradutórias de domesticação e de exotização e nas inspirações da teoria *Zhongyong*, tem como objetivo encontrar uma saída adequada para traduzir os aspectos da cultura chinesa ao leitor brasileiro. Nosso olhar se volta à apresentação dessa filosofia confuciana e à sua aplicação na prática de tradução, especialmente nas transcodificações entre o chinês e o português.

Antes de passar às reflexões sobre as teorias da tradução, convém explicitar a concepção de aspectos culturais, a qual nos coloca empecilho para trazer a literatura chinesa ao público brasileiro. Na sequência, relembremos a famosa discussão entre os dois extremos da abordagem tradutória, com a intenção de explicar o passado de domesticação e exotização e encontrar uma possível conclusão para essa dicotomia. A seguir, faremos uma apresentação panorâmica da teoria *Zhongyong*, explicando sua origem, seus princípios e os ensinamentos de Confúcio. E, veremos também a aplicação dessa ideia clássica no âmbito de

Estudos da tradução, de modo a formular orientações concretas para a prática da tradução e tirar lições valiosas a esse respeito. Por fim, fecharemos o trabalho com exemplos concretos para demonstrar como as inspirações do *Zhongyong* podem contribuir para a tradução de aspectos culturais.

### O que são aspectos culturais

A fim de encontrar uma solução para traduzir os aspectos da cultura chinesa, precisamos, em primeiro lugar, esclarecer a delimitação desses componentes culturais. No que diz respeito à concepção da cultura, no livro *Translation Studies: An Integrated Approach*, Mary Snell-Hornby cita a definição proposta pelo etnólogo Ward. H. Goodenough:

A cultura de uma sociedade consiste em tudo o que se precisa saber ou acreditar para operar em uma maneira aceitável para seus membros (...) A cultura não é um fenômeno material; não consiste em coisas, pessoas, comportamentos ou emoções. Seria melhor dizer que a cultura é uma organização dessas coisas. Ela é a forma e o modelo nos quais as pessoas pensam sobre as coisas e percebem, relacionam e interpretam esses objetos. Como tal, as coisas que as pessoas dizem e fazem, as atividades e os eventos sociais são os produtos ou subprodutos de uma determinada cultura quando ela é aplicada numa tarefa de perceber e processar as circunstâncias. Para quem tem conhecimento da cultura, essas coisas e eventos também são os símbolos que significam a forma e o modelo culturais, bem como as representações materiais dessa cultura (...) (GOODENOUGH, 1964, p.36 apud SNELL-HORNBY, 1988, p.39-40).

A partir desse trecho sobre a ideia da cultura, se admitimos que as considerações culturais se referem a todos os aspectos condicionados sociais da vida humana, estamos, também, confirmando o vínculo indissociável entre a cultura e a linguagem, já que a língua e as manifestações linguísticas são, sem dúvida, uma projeção de como as pessoas pensam, relacionam e interpretam o mundo. Ou, em outras palavras, reconhecemos que existe uma relação entre o mundo linguístico e o extralinguístico como um *continuum* e que, por consequência, o processo tradutório se desempenha como uma atividade transcultural. Seguindo esse raciocínio, não surpreende que identificamos, nos textos a ser traduzidos, várias palavras e frases que demonstram essa conexão entre a linguagem e todo o contexto cultural subjacente.

No caso da tradução entre o chinês e o português, os aspectos relativos à cultura manifestam-se com frequência ainda maior, já que a diferença sociocultural é tão grande que, não raro, compromete o entendimento entre ambas as partes. Os leitores brasileiros, por exemplo, podem desconhecer objetos que existem apenas na sociedade chinesa ou ficar desorientados diante das referências históricas e culturais citadas no texto original. Além disso, o empecilho de entendimento também pode vir de termos relacionados a religião, costumes e provérbios historicamente ancorados na cultura chinesa.

No âmbito dos Estudos da Tradução, existem vários termos para denominar esses aspectos relativos à cultura. Javier Franco Aixelá chama-os de *culture-specific items* e

apresenta a seguinte definição: “um produto da inexistência do item referido ou de seu status intertextual diferenciado no sistema de texto-alvo” (AIXELÁ, 2007, p.58). Por outro lado, Elisabeth Markstein (1999, p.288) emprega o termo “marca cultural” para designar tais componentes culturais, definidos como “um elemento do cotidiano, da história, da política etc. de determinado povo, país, localidade que não tem correspondente em outros povos, em outros países ou em outras localidades.”

Quer sejam denominados *culture-specific items* ou “marcas culturais”, os aspectos culturais parecem-nos impossíveis de serem transmitidos para os leitores-alvo, já que estes raramente têm um conhecimento suficiente sobre eles. A intraduzibilidade cultural é quase senso comum para muitos teóricos e tradutores. Wolfram Wilss, por exemplo, observa que “a intraduzibilidade cultural ocorre quando fatores socioculturais cobrem um espectro diferente da experiência na língua-fonte e na língua-alvo” (WILSS, 1982, p.50). Já Sun Yifeng, professor de tradução na Universidade de Lingnan em Hong Kong, destaca que a razão da intraduzibilidade dos aspectos relativos à cultura está “sediada na heterogeneidade entre distintos sistemas linguístico-culturais” (SUN, 2016, p.17). Se aceitamos como ineludíveis as diferenças socioculturais entre as comunidades de língua fonte e alvo, qual será, então, o caminho a seguir na tradução dos aspectos culturais da China para o público brasileiro?

### A domesticação e a exotização na tradução

No que diz respeito às estratégias de tradução, é inevitável trazer para mesa as discussões sobre a dicotomia “domesticação” versus “exotização”, apresentada pelo filósofo alemão Friedrich Schleiermacher em 1813 no ensaio “*Über die Verschiedenen Methoden des Übersetzens*” (Sobre os diferentes métodos de tradução):

Mas, agora, por que caminhos deve enveredar o verdadeiro tradutor que queira efetivamente aproximar estas duas pessoas tão separadas, seu escritor e seu leitor, e propiciar a este último, sem obrigá-lo a sair do círculo de sua língua materna, uma compreensão correta e completa e o gozo do primeiro? No meu juízo, há apenas dois. Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro (SCHLEIERMACHER apud HEIDERMAN, 2001, p. 57).

Assim sendo, Schleiermacher defende que, na prática da tradução, há somente esses dois caminhos para levar o leitor ao encontro com o escritor e acrescenta que “ambos os caminhos são tão completamente diferentes que um deles tem de ser seguido com o maior rigor, pois qualquer mistura produz necessariamente um resultado muito insatisfatório” (ibidem, p.58). Segundo a opinião do filósofo alemão, na prática da tradução, existem duas saídas mutuamente excludentes: ou o tradutor faz uma coisa ou faz outra; não pode haver meio-termo.

O estudioso norte-americano Lawrence Venuti, por sua vez, também faz essa bifurcação nas estratégias tradutórias. Venuti (1995, p.20) define a domesticação como “uma

redução etnocêntrica do texto estrangeiro aos valores culturais da língua-alvo e traz o autor para o ambiente dos leitores” e afirma que o outro lado da moeda é a abordagem de estrangeirização, que “é uma pressão etnodesviante em relação àqueles valores (da cultura-alvo) para registrar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro, enviando o leitor para o exterior”.

Levando em consideração as discussões apresentadas acima, parece-nos que a exotização seria o caminho mais adequado a seguir, uma vez que se trata da questão de como apresentar os aspectos culturais da China ao público brasileiro. Com a adoção dessa abordagem, os leitores que não conhecem a cultura chinesa ganham a oportunidade de descobrir como é a sociedade chinesa, o que aconteceu na história desse país milenar, que perspectivas os chineses têm do mundo etc. No entanto, ao preservar a heterogeneidade do TP, a exotização também traz consigo uma opacidade que impede os leitores de compreender plenamente o texto original. Isso porque as diferenças linguísticas entre o chinês e o português (por exemplo, os verbos em chinês não se conjugam em pessoa e tempo verbal) tornariam o texto estrangeirizado ilegível ou, pelo menos, áspero de ler. Por outro lado, caso sigamos as orientações de domesticação, embora possamos facilitar a leitura do público-alvo, falhamos em manter os aspectos culturais e outras especialidades de TP. Ou seja, essa tradução deixa de proporcionar uma nova fonte de vitalidade à cultura de chegada, porque, de acordo com André Lefevere (1992, p.2), o translato funciona como uma “janela aberta para um outro mundo” e um “canal aberto (...), através do qual influências estrangeiras podem penetrar na cultura nativa, desafiá-la e até contribuir para subvertê-la”.

Tendo em mente essas reflexões, entramos num beco sem saída caso queiramos não apenas produzir um texto de fácil acesso ao leitor brasileiro, mas também preservar os aspectos culturais do texto original. Porém, se pensarmos mais nesta questão cultural da tradução, será que a domesticação e a exotização são abordagens realmente excludentes? Será que ambas não podem coincidir na mesma tarefa tradutória? Será que existe um terceiro caminho para a prática da tradução?

### **A teoria *Zhongyong***

A teoria *Zhongyong* sempre foi um conceito central da cultura tradicional chinesa, defendido por sábios de todas as épocas. Tal ideia, originalmente, foi registrada, pela primeira vez, nos *Analectos de Confúcio* (CONFÚCIO, 2006, p.83), o livro doutrinal que abarca os diálogos mais importantes desse grande pensador chinês com seus discípulos, “O Mestre disse: Como uma virtude, o *Zhongyong* deveria ser a maior delas. E, ao povo, falta-lhe já há muito tempo (tradução nossa)”. Mais tarde, no Período dos Estados Combatentes, que ocorreu de meados do século V a.C. até a unificação da China em 221 a.C, foi publicado o livro *Zhongyong* — cuja autoria é normalmente atribuída a Zisi, único neto de Confúcio — que explica em detalhe as reflexões deste sobre o conceito de *Zhongyong* e, ao mesmo tempo, sistematiza a aplicação possível do *Zhongyong* na vida real, proposta pelos filósofos daquele período.

No que diz respeito à essência do *Zhongyong*, podemos começar com a análise da

escrita dessa palavra em chinês, 中庸 *Zhongyong*, composta pelos ideogramas 中 *Zhong* e 庸 *Yong*. O primeiro caráter literalmente significa “meio”. Porém, no contexto específico do *Zhongyong*, transmite a ideia de “apropriação” e “adequação”, ao passo que o segundo ideograma é conectado com o sentido de “utilização” e “prática”. Ou seja, os dois caracteres juntos designam o “caminho do meio”, uma abordagem não extrema, mas ponderada. O núcleo desse pensamento está situado no *Zhong*, que o próprio Confúcio comenta nos *Analectos*:

Zigong perguntou: Entre Zizhang e Zixia, quem é melhor? O Mestre respondeu: Zizhang ultrapassa o limite, enquanto Zixia não o atinge. Zigong disse: Então Zizhang é melhor que Zixia? O Mestre contestou: Ultrapassá-lo é igual a não o atingir (ibidem, p.106, tradução nossa).

Na opinião de Confúcio, o *Zhong* localiza-se em um ponto ideal: tanto o ir além como o ficar aquém são duas medidas extremas e desacertadas. Assim, o cerne dessa teoria consiste em buscar um ponto de equilíbrio, um ponto de perfeição que, por sua vez, é condicionado pelos fatores específicos de cada caso. Em outras palavras, não existe um critério perfeito aplicável a todas as circunstâncias, mas, sim, um ponto adequado para cada caso individual. Então, como se faz para encontrá-lo? Nos *Analectos de Confúcio* registra-se o comentário do próprio autor a esse respeito:

O Mestre disse: Shun pode ser considerado uma pessoa sábia. Ele gosta de consultar outras pessoas e consegue captar a essência de suas falas simples. Guarda os defeitos de outras pessoas e apenas divulga as suas virtudes. Aceita as opiniões de dois lados extremos e aplica aquela que é adequada à governança de seu povo. É por isso que ele pode ser considerado o sábio Shun (ibidem, p.57, tradução nossa).

Para Confúcio, quem deseja evitar um caminho extremo deve, em primeiro lugar, localizar as duas extremidades, ou seja, as duas direções opostas. Em seguida, deve renunciar aos extremos e tentar encontrar um “caminho do meio” em que ambas as abordagens possam complementar e moderar uma à outra. Esse seria o ponto perfeito para uma situação determinada, não muito pesado nem muito leve, não muito rigoroso nem muito brando, não muito esquerdo nem muito direito. Pois, se se levasse em consideração somente um dos dois lados, poder-se-ia tomar uma atitude radical.

O livro *Zhongyong* sintetiza três princípios dessa filosofia. O primeiro deles é 致中和 *Zhi Zhonghe* (chegar ao *Zhonghe*). Já no primeiro capítulo, Zisi (2006, p.46) sumariza-o da seguinte forma, com base nos ensinamentos de Confúcio:

Quando a felicidade, a raiva, a tristeza e a alegria não se manifestam, chama-se *Zhong*. Quando elas se apresentam e estão de forma moderada, eis *He*. O *Zhong* é a base do mundo, ao passo que o *He* são os princípios genéricos que o mundo segue. Se chegarem à situação dos dois, todas as coisas do mundo podem conviver em harmonia (tradução nossa).

A partir do trecho citado acima, cabe interpretar que, quando uma pessoa não mostra emoção, ela está numa situação neutra e calma, a qual se denomina *Zhong*. Ninguém, contudo, consegue evitar carregar-se de uma emoção e quando esta se mostra comedida, dentro dos limites razoáveis, isso é *He*. Caso os dois se coordenem, eis o estado *Zhong He*. Se todos atingirem esse estado supremo, os indivíduos ficarão mais sensatos e a sociedade, por conseguinte, funcionará com harmonia e perfeição.

O segundo princípio chama-se 执两用中 *Zhiliang Yongzhong* (que, literalmente, significa pegar as duas pontas e empregar a medida intermediária). Nesse contexto, as duas pontas referem-se às duas direções opostas, ou seja, como foi mencionado acima, uma ponta é “ir além” e a outra é “ficar aquém”. Nenhuma delas seria adequada quando se trata da maneira como alguém deve agir. Assim, a filosofia *Zhongyong* orienta a tomar sempre esse princípio de 执两用中 *Zhiliang Yongzhong* para evitar seguir os caminhos radicais e tentar identificar “o caminho do meio”, o ponto de adequação.

Por último, encontramos o princípio 和而不同 *He er Butong* (o harmonioso e o divergente), o componente fundamental do *Zhongyong*, que Zisi (ibidem, p.129, tradução nossa) explica da seguinte forma: “Assim como as quatro estações se revezam e o sol e a lua se alternam, todas as criaturas crescem juntas sem se prejudicarem, enquanto os caminhos diferentes seguem em frente sem se atrapalharem”. Ou seja, há uma convivência ideal em que as coisas mais diversas se completam, se incorporam e se equilibram. O ponto perfeito do *Zhongyong* deveria ser um lugar em que as características heterogêneas de dois extremos se preservam, e, ao mesmo tempo, se integram de uma forma condizente e harmoniosa. Esse princípio mostra que a natureza dessa teoria clássica não consiste em localizar “o caminho do meio” de uma maneira mecânica ou matemática, mas, sim, seguir a orientação do 和而不同 *He er Butong*, que visa encontrar um ponto adequado para cada circunstância específica.

### **As inspirações do *Zhongyong* para a tradução**

De acordo com a seção anterior, observa-se que a doutrina confuciana do *Zhongyong* nos ensina a evitar as vias extremas, localizar o ponto de adequação e escolher um caminho intermediário. E, quanto à tradução, será que esse dogma da filosofia clássica chinesa ainda se aplica?

No livro *A Tradução Literária*, Paulo Henriques Britto defende a existência de um caminho intermediário na prática da tradução. Para o poeta e tradutor brasileiro, exotização e domesticação “na verdade, representam mais um par de ideais absolutos inatingíveis; na prática, o que sempre fazemos é aquilo que Schleiermacher diz ser impossível fazer: adotar posições intermediárias entre os dois extremos” (BRITTO, 2012, p.62). Na mesma página, o autor cita a instância de Wieland, que traduziu Shakespeare em alemão por meio de uma conciliação entre as duas estratégias. O professor de Estudos da Tradução na Universidade de São Paulo, João Azenha (2010, p.58) também advoga que a estratégia tradutória “não se concretiza num único caminho”, e cita as traduções realizadas por autores do Grupo de Göttingen, as quais, na opinião dele, “estão a meio caminho entre um olhar retrospectivo,

voltado para a dimensão poética do texto fonte, e também prospectivo, isto é, voltado para os mecanismos de recepção”.

Inspirado no *Zhongyong*, o escritor e tradutor chinês Liang Shiqiu afirma ser imprescindível o tradutor agregar as abordagens de domesticação e de exotização e buscar produzir um texto final que harmonize o TP e o TC. Na verdade, embora Liang tenha concluído sua pós-graduação nos Estados Unidos, recebeu, durante a infância e juventude na China, muitas influências do pensamento chinês e do confucianismo. Quando teve a oportunidade de traduzir literatura inglesa, não hesitou em escolher por um caminho do meio para equilibrar as considerações linguísticas e culturais. Em sua carreira como tradutor, Liang aplicou os preceitos clássicos e apresentou a tradução de *The Complete Works of Shakespeare*, que se considera a melhor reprodução do dramaturgo inglês em chinês vernáculo.

Dois fatores levaram Liang a escolher o caminho do meio na prática da tradução. Em primeiro lugar, ele é a favor da exotização e concorda com a perspectiva de outro intelectual chinês, Qu Qiubai, segundo o qual “a tradução é fundamental para introduzir novos recursos linguísticos em nosso idioma, isto é, ajuda a transportar novas sintaxes e, também, criar novos termos capazes de expressar nuances entre os sinônimos” (QU apud CHEN, 2000, p.310, tradução nossa). Além disso, Liang acrescenta que “na tradução, a domesticação pode construir um elo que possibilita o diálogo entre um par de culturas heterogêneas e chamar a atenção dos leitores ao produzir um sentimento de estranheza na leitura” (LIANG apud YAN, 2007, p.199, tradução nossa). No que diz respeito à domesticação na tradução, ele faz analogia com a atitude de outro grande escritor chinês, Lin Yutang, para o qual “...cada idioma, tem em si, uma característica própria e, por isso, sem um tratamento de nacionalização na tradução, um texto estrangeiro seria ilegível para os falantes de outra língua” (LIN apud LUO, 2009, p.429, tradução nossa). Em outras palavras, Liang também recomenda que o tradutor, de acordo com a gramática e o costume linguístico da LC, reorganize as informações que se manifestam no texto original e faça as alterações necessárias nos níveis sintático e morfológico, tendo em vista que “a falta da domesticação pode resultar em uma tradução rude, em que a estrutura sintática não se adapta às convenções da LC e, conseqüentemente, enseja uma interpretação errônea ou imprecisa do texto original”(LIANG apud YAN, 2007, p.65, tradução nossa).

Na verdade, podemos dizer que Liang aprende com a escola do *Zhongyong* e formula seu modelo teórico de tradução: adotar um caminho do meio, uma abordagem intermediária que abre espaço para ambas as estratégias de domesticação e de exotização. Para equilibrar essas duas direções extremas em um único trabalho de tradução, Liang se inspira em um dos princípios do *Zhongyong*, o 执两用中 *Zhiliang Yongzhong* (que, como vimos, literalmente significa pegar as duas pontas e empregar a medida intermediária), e afirma que a identificação do 中 *Zhong*, o ponto de equilíbrio, é de suma importância na prática da tradução. De acordo com o escritor chinês (ibidem, p.109), o tradutor não deve levar em consideração métodos mecânicos nem matemáticos na busca por esse ponto de adequação, porque ele não é equidistante dos dois extremos – domesticação e exotização – mas sim maleável segundo as diferentes circunstâncias.

Yan Xiaojiang (2007) sintetiza, em ordem de prioridade, os princípios que Liang

recomenda para identificar o ponto de adequação em determinado trabalho de tradução. Em primeiro lugar, “o tradutor precisa levar em conta o princípio da harmonia geral” (YAN, 2007, p.263, tradução nossa), ou seja, a tradução precisa formar um conjunto coerente e harmônico. Isso se deve ao fato de que, dentre os ensinamentos da filosofia do *Zhongyong*, como vimos na seção anterior, o 中和 *Zhonghe* é considerado o estado supremo a ser alcançado por todas as pessoas e todas as coisas neste mundo. Quando diz respeito a um assunto, e não a uma pessoa, o 中和 *Zhonghe* passa a significar uma situação estável e adequada, em que todos os participantes dialogam e completam-se de um modo harmonioso. Na prática da tradução, quando problemas genéricos e específicos se contradizem, o tradutor tem de adotar uma visão macroscópica e desenvolver, em um contexto maior, suas soluções para as questões particulares. Liang (ibidem, p.263) aponta que, devido às diferenças entre dois sistemas linguísticos, muitas vezes o tradutor se vê impossibilitado de manter tanto a forma quanto o conteúdo idêntico ao texto original e que, por isso, em favor da “harmonia geral”, deve-se dar prioridade à transferência correta das informações do TP e à conformidade com a norma culta da língua de chegada.

Em segundo lugar, Liang (ibidem, p.264-265, tradução nossa) ressalta que “o tradutor precisa equilibrar o uso da domesticação e da exotização” e que, para isso, é essencial nortear a tradução pelo princípio 和而不同 *He er Butong* (o harmonioso e o divergente) e produzir um TC que seja condizente com o TP e, ao mesmo tempo, se diferencie dele. Isso porque, conforme as orientações do *Zhongyong*, trata-se aqui de uma coexistência ideal entre as coisas e, por conseguinte, entre dois textos. No ponto de vista do escritor chinês, o critério crucial para guiar as decisões do tradutor é sempre visar “produzir um texto final que consiga transferir o máximo possível do conteúdo e do espírito do texto-fonte e, por outro lado, também não atrapalhe a compreensão do leitor-alvo” (ibidem, p.265, tradução nossa).

Por último, no que diz respeito aos elementos culturais identificados na tradução, Liang mostra preferência por emprego da *thick translation*, que, na definição do estudioso norte-americano Anthony Appiah (2000, p.817), é uma tradução em que se recorre a “notas e glossário adicional para localizar o texto em um maior contexto cultural e linguístico”. Desta forma, Liang afirma que “o tradutor pode recorrer a uma tradução ao pé da letra e acrescentar notas de rodapé”, porque assim a tradução pode “diminuir o distanciamento cultural” e “preservar as especialidades do TP” (LIANG apud YAN, 2007, p.266, tradução nossa). Em relação a esses reflexos, a professora Yan (ibidem, p.267, tradução nossa) comenta que “na prática da tradução, é preciso, também, levar em consideração os outros dois princípios mencionados para não fugir do caminho do meio”.

### Aplicação na prática da tradução

Nas seções anteriores, realizamos uma introdução panorâmica sobre a teoria *Zhongyong* e seus princípios fundamentais. Também exploramos como o teórico chinês Liang Shiqiu incorpora os ensinamentos dessa filosofia confucianista na teorização de práticas tradutórias. Em relação à aplicação do modelo teórico de Liang na tradução de aspectos

culturais da China, podemos analisar os seguintes exemplos, tirados da tradução de uma crônica contemporânea chinesa. Em primeiro caso, temos no texto traduzido em português : “O Parque do Templo da Terra ficava próximo de minha casa, melhor dizendo, minha casa estava perto dele. Afinal, só se poderia admitir que era um *Yuanfen*<sup>2</sup>” (ZHENG, 2019, p.117). No recorte acima, o tradutor faz uma transcrição alfabética da palavra 缘分 *yuanfen* e acrescenta uma explicação na nota de rodapé, porque ela se trata de um termo budista que não possui uma correspondência exata na língua portuguesa e que se relaciona ao modo de como os chineses enxergam a morte e a vida. E, no resto do trecho, as características linguísticas do chinês são modificados e organizados em conformidade com a gramática e convenções da LC, o que permite o leitor compreender com facilidade o que se transmite no TP, no caso, a relação entre “minha casa” e “Parque do Templo da Terra”.

Por analogia, podemos ainda verificar a seguinte passagem de tradução,

Ele desejava que seu sucesso na corrida de longa distância pudesse trazer-lhe uma verdadeira liberação política, pois acreditava que a câmera e a caneta de jornalista lhe ajudassem a conseguir tal coisa. No primeiro ano, terminou como décimo quinto colocado na competição municipal de corrida, que se realizava nos festivais de primavera. Vendo que as fotos dos primeiros dez colocados estavam na vitrina de notícia na Avenida *Chang'an*<sup>3</sup>, começou a fortalecer autoconfiança (ibidem, p.132).

Nesse trecho, observamos que, o texto traduzido, parecido com o primeiro exemplo, também apresenta uma leitura confortável para o público brasileiro e apenas emprega a exotização sobre os aspectos culturais. Na verdade, a Avenida *Chang'an*, dentro do contexto da sociedade chinesa, é conhecida como símbolo político do país, por isso podemos dizer que ela se considera um termo carregado com imagem cultural. E, para a audiência do TP, é quase de forma automática compreender essa associação entre a toponímia e sua representação subjacente. Se o leitor não o soubesse, conseqüentemente ele perguntaria por que, depois de encontrar as fotos dos corredores nessa Avenida *Chang'an*, a personagem ganhou autoconfiança sobre sua liberação política. No entanto, quando o texto se desloca para o sistema de receptor, os leitores-alvo raramente contam com conhecimento sobre a sociedade e a cultura chinesa, e, desta forma, o tradutor recorre à abordagem da exotização para tentar recuperar esse empecilho na compreensão.

Para finalizar, o último exemplo que apresentamos neste trabalho trata de uma descrição de um edifício antigo: “Ao longo de quatrocentos anos (...) a cor vermelha brilhante que era pomposa desvaneceu-se do *Menbi*, os muros elevados desmoronaram e, os degraus de jade foram destruídos junto com as balaustradas entalhadas de mármore” (ibidem, p.118). Sob a mesma estratégia tradutória, nesse trecho, o tradutor também se recorre a um uso alternativo da domesticação e da exotização. E, podemos observar que a tradução

<sup>2</sup> *Yuanfen* (em chinês 缘分 *yuán fèn*), pode ser traduzido como “destino e sorte condicionados pela vida passada”. O termo tem sua origem religiosa no Budismo, segundo o qual existe um fluxo incessante de renascimentos através dos mundos e das ações humanas de vidas passadas que influenciam os acontecimentos da vida presente.

<sup>3</sup> Avenida *Chang'an* (em chinês, 长安街 *cháng'ān jiē*, que significa uma avenida de paz durável) é uma via de transporte que se localiza na frente de Cidade Proibida em Beijing. Geralmente, é considerado o centro político da China.

proporcionar ao leitor brasileiro não só uma leitura fluente, mas também uma oportunidade para descobrir aspectos da cultura chinesa, no caso, o da arquitetura antiga, porque, *Menbi* como uma marca cultural, também é traduzido à letra e logo acrescentado por uma explicação na nota em rodapé no texto traduzido: “*Menbi* (em chinês, 门壁 *mén bì*) é um tipo de portal que se encontra na frente dos estabelecimentos da China antiga, o qual o povo chinês acreditava que permitia só a entrada dos espíritos dos ancestrais de sua própria família e impedia os fantasmas malignos” (ibidem, p.118).

### Considerações finais

Com a finalidade de discutir a abordagem dos aspectos culturais na tradução, o presente trabalho começa pela pesquisa sobre a definição de cultura e das manifestações culturais. Decidimos empregar os conceitos de *culture-specific items* e “marca cultural” para localizar os aspectos relativos à cultura. Em seguida, observamos que, caso sigamos, como fazem os principais nomes na área de Estudos da Tradução, a dicotomia entre as estratégias da domesticação e da exotização, o resultado da tradução não será satisfatório, dada a grande diferença linguística e cultural entre os sistemas emissor e receptor, respectivamente o da China e o do Brasil. Desta forma, procuramos partir de outro horizonte e encontramos, no pensamento confuciano, a teoria *Zhongyong*, que advoga um caminho do meio na resolução dos problemas. Vimos que o escritor e tradutor chinês Liang Shiqiu, inspirado nos preceitos dessa doutrina, formulou um modelo teórico para a prática da tradução segundo o qual o tradutor deve escolher um caminho intermediário para que a tradução alcance o estado de 中 *Zhong*, ou seja, o ponto de equilíbrio. Liang acrescenta ainda três princípios para orientar as decisões tradutórias, os quais testamos em trechos tirados da tradução de uma crônica chinesa.

Por fim, chegamos à conclusão de que, ao lidar com os aspectos relativos à cultura na tradução entre o português e o chinês, as abordagens da domesticação e da exotização não são mutuamente excludentes, e que, em consonância com a teoria *Zhongyong* e o modelo teórico de Liang Shiqiu, o tradutor pode, por um lado, focar no momento prospectivo, a saber, adaptar o texto traduzido à gramática e às convenções da língua portuguesa, e, por outro, levar em consideração o aspecto retrospectivo, isto é, adotar uma atitude estrangeirizante para tratar dos componentes da cultura chinesa, recorrendo-se a inserção de nota de rodapé e outros recursos explicativos. Sendo assim, propomos, na prática de tradução, um caminho do meio que harmoniza o uso de domesticação e exotização, para que se possa atingir um produto final que permita não apenas uma leitura confortável, mas também um contato com outra cultura e comunidade.

## Referências

- AIXELA, J. F. Culture-specific Items in Translation. In: ALVAREZ, R.; VIDAL, M. del C. Á. (Ed.). *Translation, Power, Subversion*. Pequim: Foreign Language Teaching and Research Press, p. 52-78, 2007.
- APPIAH, K.-A. Thick Translation. In: VENUTI, L., *The Translation Studies Reader*. Londres: Routledge, p. 808-819, 2000.
- AZENHA JUNIOR, J. Linguística Textual e Tradução: Redefinindo o conceito de “marca cultural”. *TradTerm*, São Paulo, v. 12, p. 13-32, 2006.
- AZENHA JUNIOR, J. Transferência Cultural em Tradução: Contextualização, Desdobramentos, Desafios. *TradTerm*, São Paulo, v. 16, p. 27-66, 2010.
- BRITTO, P. H. *A Tradução Literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: IBEP, 2009.
- CHEN, F. 中国译学理论史稿 *A Historiografia das Teorias Tradutórias da China*. Xangai: Shanghai Foreign Language Education Press, 2000.
- CONFÚCIO. 论语 *Analectos de Confúcio*. Pequim: Zhongguo Shudian, 2006.
- HEIDERMANN, W. *Clássicos da Teoria da Tradução*. Florianópolis: Núcleo da Tradução, 2001.
- LAO, S. *O Garoto do Riquixá*. Tradução de Márcia Schmaltz. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.
- LEFEVERE, A. *Translation/History/Culture: A Sourcebook*. Londres & Nova Iorque: Routledge, 1992.
- LUO, X. 翻译论集 *Historiografia de Teorias Tradutórias*. Pequim: Comercial Press, 2009.
- MARKSTEIN, E. Realia. In: SNELL-HORNBY, M. et al (Org.). *Handbuch of Translation*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1999. p. 288-291.
- MO, Y. *As Rãs*. Tradução de Amilton Reis. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. Londres: Routledge, 2001.
- SNELL-HORNBY, M. *Translation Studies: An Integrated Approach*. Amsterdã: John Benjamins Publishing, 1988.
- SUN, Yi. 文化翻译 *Cultura e Tradução*. Pequim: Peking University Press, 2016.
- VENUTI, L. *The Translator's Invisibility*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1995.
- WILSS, W. *The Science of Translation: Problems and Methods*. Tübingen: Narr, 1982.
- YAN, X. 梁实秋中庸翻译观研究 *Zhongyong: Uma Abordagem Tradutória de Liang Shiqiu*. Xangai: Shanghai Century Press, 2007.
- YU, H. *Viver*. Tradução de Márcia Schmaltz. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ZHENG, T. Uma tradução comentada da prosa contemporânea chinesa: Eu e o Parque do Templo da Terra, de Shi Tiesheng. 2019. 160 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ZISI. 中庸 *Zhongyong*. Pequim: Zhongguo Shudian, 2006.

Recebido em: 09/01/2022.

Aceito em: 25/05/2022.